

DE TEMPOS EM TEMPOS: MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE EM LULU SANTOS

Autores:

Leila Ferreira de Souza

Maria de Fátima Oliveira Mota

A modernidade iniciou-se no final do século XIX início do século XX. Moderno tem sua origem no latim modernus > modus+hodiernos. No Brasil podemos identificar a consolidação da modernidade a partir da década de 70 e 80, época, inclusive, que se inaugura uma possível “Pós-modernidade”.

Nesse novo tempo que é a modernidade, o momento histórico-social passa por mudanças paradigmáticas em todos os níveis do indivíduo. O mundo moderno tem sido substituído por uma cultura de incertezas e indeterminações.

Segundo Anthony Giddens¹ “A modernidade é inerentemente globalizante, e as conseqüências desestabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circulação de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter.”

A música de Lulu Santos que tem como título “Tempos Modernos” permite pensarmos na modernidade como algo bom, que traz para o futuro, conquistas, felicidade e esperança, tanto no seu social como no seu sentimental, onde o homem possa viver o amor hoje intensamente.

Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isto por cima do muro
de hipocrisia
Que insiste em nos rodear
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito
Do firmamento ao chão
Eu quero crer no amor numa boa
Que isto valha pra qualquer pessoa
Que realizar
A força que tem uma paixão
Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não
Hoje o tempo voa, amor

¹ GIDDENS, 1999 pg. 175

Escorre pelas mãos
Mesmo sem sentir
Que não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver!
Vamos nos permitir!!

De acordo com João Carlos de Souza Ribeiro² “o homem da modernidade inaugurou o século otimista, alegre como o romântico. Paradoxalmente, promove duas guerras mundiais e parte para a segunda metade do século proclamando sua pseudo-liberdade pelo mundo virtual, já acentuado pelas descobertas de um eu que se divide no ambiente do psiquismo; pensa aquele na trilha sonora romântica, que se conhece a si mesmo.”

Ainda, segundo o autor, “a modernidade de um país não é medida pelo seu parque industrial ou pela quantidade de computadores que se apinham em qualquer esquina, mas, efetivamente, pela coadunação da primeira com o papel histórico coerente que exerce o próprio homem. Logo, não é a pretexto das tecnologias de última geração que dir-se-á que um país é moderno, mas da garantia de referência do homem que não permite o deslocamento do eixo ontológico, colocando em risco o espaço e a compreensão de si e de tudo que lhe circunda, ou seja, a realidade do seu cotidiano.”

Conforme o autor coloca nos parágrafos anteriores, percebemos que Lulu Santos tal qual o sujeito da modernidade é bem otimista e coloca o amor como superior, buscando uma junção com a modernidade e romantismo passado. E falando em romantismo, foi um dos mais importantes movimentos literário do ocidente, e, particularmente no Brasil, significou uma etapa decisiva na formação de nossa literatura e vida cultural. E uma das características principal que distingue o escritor romântico de todos os outros, é o gosto pela expressão de sentimentos, dos sonhos e das emoções que agitam seu mundo interior, numa atitude individual e profundamente pessoal, e, no romantismo, os sentimentos começam a tomar o lugar da razão como instrumento de análise do mundo, e a vida passa a ser encarada de um ângulo bem pessoal, em que se sobressai um intenso desejo de liberdade, assim como de igualdade e de reformas sócias; de paixões e emoções.

O Romantismo designa também uma emergência histórica, um evento sócio-cultural, e que não é apenas uma configuração estilística.

Podemos observar a música “O último romântico” de Lulu, na qual ele procura mostrar que os sonhos não haviam acabado, e que podia valer a pena sonhar; a canção tem traços de uma verdadeira utopia, com a supervalorização das emoções pessoais e a excessiva valorização do eu, que faz parte das características do romantismo, mas que trabalhada de forma que chama a atenção.

Faltava abandonar a velha escola
Tomar o mundo feito Coca-Cola
Fazer da minha vida
Sempre o meu passeio público

² JOÃO CARLOS DE SOUZA RIBEIRO, 1999 pg. 56 e 64

E ao mesmo tempo fazer dela
O meu caminho só, único
Talvez eu seja o último romântico
Dos litorais deste Oceano Atlântico
Só falta reunir a Zona Norte à Zona Sul
Iluminar a vida
Já que a morte cai do azul
Só falta te querer
Te ganhar e te perder
Falta eu acordar
Ser gente grande pra poder chorar
Me dá um beijo, então
Aperta a minha mão
Tolice é viver a vida assim
Sem aventura
Deixa ser
Pelo coração
Se é loucura então
Melhor não ter razão

Segundo J. Guinsburg³, “ as matrizes filosóficas da visão romântica que legitimam, dentro de uma nova constelação de princípios, a originalidade e o entusiasmo, são o caráter transcendente do sujeito humano e o caráter espiritual da realidade, que quebram a uniformidade da razão e a consequente forma de individualismo racionalista, ao mesmo tempo que a concepção mecanicista da natureza.”

Em “tempos modernos” Lulu acredita que felicidade, prosperidade e amor devem andar juntos sempre, com todos e devem estar presentes no cotidiano e em “o último romântico” mostra a desigualdade social e a frustração de uma maioria, já que unir a zona norte a zona sul é sem dúvida um verdadeiro delírio.

Nas duas músicas os ideais de liberdade caminham juntos, e retratam o desejo que tudo caminhasse bem em uma época em que o Brasil passava por momentos conturbados, considerados difíceis.

Ao analisar as músicas do autor e vê seu otimismo revelado, podemos ainda sonhar, pois afinal de contas, ainda temos esperanças, mesmo não sendo um Brasil da época em que foi escrita a música, mas é o Brasil de hoje onde ainda as mesmas injustiças e mazelas sociais continuam.

³ J. GUINSBURG, 1993 pg. 57